

A MÚSICA COMO TÔNICA DA IDENTIDADE DO MUSICOTERAPEUTA

MT. Maria Thereza de Meira Albach

“Estamos mergulhados em um Universo duplo:

- o das coisas reais (possíveis de manipulações motoras)
- o das imagens, símbolos e signos (submetidas a manipulações fictícias ou mentais)”

Abrimos com esta colocação de Jean Paulus, em seu livro: A Função Simbólica e a Linguagem, para que direcionemos nossa reflexão sobre a Música como Tônica da nossa Identidade ou seja, do Musicoterapeuta, a fim de a situarmos como um sistema simbólico, porém, subjetivo. Seu significante é pessoal, único e intransferível.

Assim, o profissional que tem como tônica algo que opera sobre construções subjetivas, deve Ter consciência das dificuldades tanto consigo próprio, como com a continuidade em que vive e trabalha, para se fazer reconhecido.

Quando falamos em Musicoterapia, nos diz Benenzon, falamos de “Comunicação”.

Quando falamos de Identidade, falamos de Comunicação em duas vias; consigo próprio e com os outros, refletimos nós...

Como lidarmos com esse desenvolvimento, o mundo dos símbolos e o fator Comunicação?

Qualquer forma de comunicação conta com a sensorialidade em primeiro lugar. E, só se completa quando suas apreensões são lidas e elaboradas pela mente.

Portanto: Comunicação = Sensação percepção Interpretação

Sabemos que assim se processo o princípio básico de toda linguagem. Para nós, música é linguagem musical e, sua comunicação está implícita a esse princípio básico.

Tudo o que pensamos possui ideação, assim, toda idéia traz consigo imagens.

Que imagens atribuímos à colocação da música como tônica da identidade do musicoterapeuta?

Segundo o mesmo Jean Paulus, já citado, o mecanismo mental passa pelo impulso instintivo-afetivo, pelo compromisso emotivo e pelo uso refletido e inteligente – dos símbolos.

A lógica organiza as seqüências de julgamentos em raciocínios, com duas direções possíveis:

- pensamentos objetivo e racional, governado pelo princípio da realidade
- pensamento subjetivo e passional, submetido ao princípio do prazer

Pensando: constata-se.

Introjetando: assume-se.

Dominados pelo princípio do prazer, nos alienamos.

Dominados pelo princípio da realidade, nos tornamos imbecis.

Bernanos ao esclarecer sobre o princípio da realidade, onde pode-se exorbitar da intelectualidade, diz: "O "intelectual é tão freqüentemente um imbecil que se devia torná-lo por tal, enquanto não prove o contrário".

O que se quer dizer é que a identidade de um profissional não se faz espontaneamente. Ela se constrói através de suas manipulações e aquisições objetivas e subjetivas.

Equilibrando os dois princípios citados, está o princípio do dever. Nos dizem que o musicoterapeuta deve ser músico.

Como interpretar? Tentemos através do quadro que se segue, o qual foi montado, partindo de nossas reflexões sobre o que nos expõem estudiosos como Benenzon, Even Ruud, Mônica Papalía, e...

| Músico | Musicoterapeuta |
|------------------------------|--|
| Ama sua Arte | Ama a música |
| Faz música | Faz música |
| Objetivos: | Objetivos: |
| ◆ Ser artista | ◆ Aliar música à terapia |
| ◆ Comunicar-se com o público | • responder sobre a eficácia da música e sua transmissão |
| | • Comunicar-se com o paciente/ cliente |
| Competência: | Competência: |
| • Habilidade Musical | • Habilidade Musical |
| | • Especialidade Clínica |

Amar a música, fazer música, que música?

Também é uma resposta muito pessoal pois, sabemos que o musicoterapeuta não só manipula a música propriamente dita como também sons, ruídos e movimentos.

Aliar a música à terapia, responder sobre a eficácia da música e sua transmissão, requer estudo, pesquisa, trabalho e muita dedicação. Para uma boa comunicação terapeuta/clientela, faz-se necessário formação como "pessoa".

Dominar com competência essas necessidades para o fortalecimento da tônica da identidade, é tarefa extremamente abrangente. Por isso, aspiramos por uma linguagem, por uma língua própria da Musicoterapia, como linha norteadora.

Segundo CHARLES S. PEIRCE (1995: 39-40), é indispensável um acordo geral acerca de termos e notações – um acordo entre a maioria dos co-operadores a respeito da maioria dos símbolos, que não seja demasiado rígido mas que, no entanto, prevaleça, e isto num garu tal que haja um pequeno número de diferentes sistemas de expressão que têm de ser dominados”.

Para que haja unidade, não podemos nos determinar sozinhos. Precisamos uns dos outros. Necessitamos desses encontros, de grupos de estudo, onde trocas possam ser efetuadas, onde limites pessoais possam ser reconhecidos, como também nossa abrangência pessoal.

Assim, aprenderemos a nos respeitar, a nos aceitarmos como pessoas e colegas e, nos fortificarmos mutuamente.

Já nos habituamos buscar em outras disciplinas definições a nós necessárias. Para não perder o hábito, trouxemos para nossa reflexão, esta definição de identidade, que vem da Biodança, através de Toro:

Identidade: “Capacidade de experimentar-se a si mesmo como centro de percepção do mundo”.

A noção de identidade é complexa por sua estrutura dialética. Ser idêntico a si mesmo tempo completa conexão com o Outro e com a Totalidade, é paradoxal.

Reforçar a individualidade nos chamando a analisarmos em que “tonalidade” situa-se a nossa “tônica” de identidade.

Através do professor Gastão da luz, recebemos o quadro que segue, onde podemos visualizar nosso cérebro em que seus quatro segmentos, permitindo nossa compreensão sobre as características individuais:

TECNOLOGIA HERMANN DE DOMINÂNCIA CEREBRAL E A ADMINISTRAÇÃO DA DIVERSIDADE

| | |
|---------------------|-----------------------|
| A (ser racional) | D (ser experimental) |
| ANALISA | ADIVINHA |
| QUANTIFICA | SUPÕE |
| É LÓGICO | IMAGINA |
| É REALISTA | ESPECULA |
| GOSTA DE NÚMEROS | CORRE RISCOS |
| CONHECE SOBRE | É IMPETUOSO |
| DINHEIRO | QUEBRA REGRAS |
| CONHECE ENGRENAGENS | É CURIOSO/ BRINCA |
| B (ser cuidadoso) | C (ser sentimento) |
| PREVINE-SE | É SENSÍVEL AOS OUTROS |
| PROJETA-SE | GOSTA DE ENSINAR |
| REALIZA | TOCA NAS PESSOAS |
| É CONFIÁVEL | APOIA AS PESSOAS |
| ORGANIZA | É EXPRESSIVO |
| CAPRICHA | FALA MUITO |
| É PONTUAL | SENTE |
| ESTABELECE NORMAS | É EMOCIONAL |

O musicoterapeuta racional, mede intervalos, qualifica séries harmônicas, pode ser o físico da música; o experimental, cria, improvisa, permite o eclodir da imaginação e extrapolação das regras; o cuidadoso, estabelece sessões dirigidas, tende à musicoterapia passiva/receptiva, a qual domina com habilidade; o ser sentimento é aquele que apóia ensinando, expressando-se conforme a emoção o for arrebatando...

Temos ainda uma formação musical onde prevalece um instrumento de expressão. Quando quebramos esta dominância natural, nos tornamos artificiais, fracos, arremedos de profissionais.

Faça claro para nós, que nosso cérebro é um só e que diante desses limites, há trocas e comunicações entre os hemisférios.

Sintamos a nossa dominância para que ela se expresse fortificando a "tônica da nossa identidade".

Desde que assisti uma palestra do Dr. Paulo de Tarso Monte Serrat, onde ele lançava três itens como regra básica para uma boa educação na área da sexualidade, pedimos licença a ele para adotarmos como base filosófica para a nossa vida, a trilogia apresentada:

- Verdade
- Simplicidade
- Moralidade (Ética)

Com verdade para conosco mesmos e para com os outros, com simplicidade sem ignorância, com respeito à moral de direito e a moral de valores éticos, certamente fortificaremos a música como tônica da nossa identidade e profissional.

Referências Bibliográficas

BENENZON, R. *Teoria da Musicoterapia*, Roland Benenzon; [tradução de Ana Sheila M.

Uricoechea] São Paulo: Summus, 1998.

PADÍLIA, M. *Escritos sobre Música, Musicoterapia y Educação*, Mônica Papallá; Ed. Jaxco,

Buenos Aires, Argentina, 1996.

PAULUS, J. *A função simbólica e a linguagem*, Jean Paulus; [tradução de Glória Maria Fialho

Pondé, revisão de Lígia Vassalo] Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca; São Paulo, Ed. Da

Universidade de São Paulo, 1975.

PIERCE, C. S. *Semiótica*, Charles S. Peirce; [tradução: José Teixeira Coelho Neto revisão de

Texto: J. Grëensburg] Ed. Perspectiva S. 2 edição, São Paulo, 1995.

RUUD, E. *Caminhos da Musicoterapia*, Even Ruud; [tradução de Vera Wrobel] São Paulo,

Ed. Summus, 1990